

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DO *COPING* DIÁDICO NA  
RELAÇÃO ENTRE O CONFLITO CONJUGAL E O  
SUPORTE EMOCIONAL PARENTAL**

**Tânia Sofia Conceição Soares**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2014**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**O PAPEL MEDIADOR DO *COPING* DIÁDICO NA  
RELAÇÃO ENTRE O CONFLITO CONJUGAL E O  
SUPORTE EMOCIONAL PARENTAL**

**Tânia Sofia Conceição Soares**

Dissertação orientada pela Professora Doutora Marta Pedro

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica)**

**2014**

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Marta Pedro, pela paciência inesgotável que sempre teve para comigo, pelo rigor e exigência, por todas as palavras de incentivo, motivação. Por acreditar em mim até ao fim. Por ser um exemplo do que é suposto ser uma Orientadora. Por me ter ajudado a tornar isto possível, Obrigada Professora!

A todo o clã Sistémico, Professoras Doutoradas Isabel Narciso, Maria Teresa Ribeiro, Rita Francisco e Carla Crespo. Por todos os ensinamentos transmitidos, por me ensinarem a ser uma psicóloga sistémica, pelos melhores dois anos do curso. Por me terem acolhido nesta Família Sistémica que levarei para sempre comigo...

Às minhas “colegas de Tese”, obrigada pela partilha deste processo nesta recta final. obrigada por todos os conselhos. Tive o maior gosto em trabalhar convosco!

Aos meus amigos que sempre me acompanharam nesta dura, longa e recompensadora caminhada de cinco anos. A quem sempre acreditou em mim, a quem me deu a mão quando mais precisei, a todos vocês, obrigada!

Às minhas parceiras de tese, Telma, Marta V., Flôr, Serpa, Teresa, Teixeira, Mariana, Catarina e Andreia. Foram muitos os momentos que passámos nesta fase tão exigente, mas (e como não podia deixar de ser) a frase da praxe: “CONSEGUIMOS”!!!

Às minhas queridas FacFriends. Obrigada por TODOS os momentos partilhados, desde as aulas, a trabalhos de grupo, jantares no Chefão, pausas no bar, noitadas de trabalho no Técnico (e tantos outros sítios). Pelas aprendizagens. Por passarem comigo os cinco anos académicos, os “melhores anos da vida de uma pessoa”. Mas principalmente, pela amizade, pelo amor... De uma Família que se escolhe. Esperemos que estes cinco anos, tenham sido apenas o início...

À Telma, por ser um pilar constante na minha vida, quer académica, quer pessoal. Pela amizade incondicional que mostra diariamente, pelo amor de irmã que me transmite em todas as fases que passamos. Por estar sempre presente. Por ter sempre a palavra certa. Por me ter dado a liberdade de entrar na sua vida. Por ser a irmã que nunca tive. E porque ‘o essencial é invisível aos olhos...’ Obrigada MyP.

À minha Família...

...À Lina, que sempre me acolheu como uma filha, que sempre me ajudou e sempre esteve presente, apesar de tudo.

...À minha Madrinha, que sempre acreditou mais em mim do que eu própria, que sempre me deu o empurrão que eu precisava.

...Aos meus Avós, que nunca duvidaram que fosse capaz. Que transmitem tudo com um simples olhar, olhar esse onde mostram todo o orgulho que têm na neta mais velha.

...À minha Tia, que sempre me apoiou em todas as decisões. Que sempre tem uma palavra nos piores momentos. Que mostra o seu amor todos os dias. Obrigada por teres entrado na minha vida.

...Ao meu Tio-Padrinho. Por todo o exemplo, por ser uma das minhas maiores referências. Por sempre acreditar em mim. Por gostar de mim à sua maneira. E por estar sempre lá, em qualquer altura.

...À minha afilhada. Por ser a luz dos meus olhos, por ser o meu refúgio. Por ser a minha pequenina linda. Por me ajudar sempre, mesmo sem saber.

...Ao João. Por nunca ter realmente desaparecido da minha vida. Por toda a paciência, por todo o amor, por toda a confiança, por toda a amizade. Por ser quem é para mim. Por ser a melhor pessoa que poderia ter ao meu lado. Por todos os momentos, por todo o orgulho. Por acreditar em mim e mostrar-me que sou capaz, sempre. Por nunca me deixar desistir. Por estar sempre aqui. Por ser o meu porto-seguro. Por tudo...

...Aos meus Pais. Por todo o esforço que fazem por mim, dia após dia. Por serem os melhores de sempre. Por nunca duvidarem das minhas capacidades. Pelo orgulho que demonstram todos os dias. Pelo amor, confiança, motivação e orgulho. Por serem os meus pilares, constantemente. Por me permitirem ser quem sou, hoje. Por tudo...

# O Papel Mediador do *Coping* Diádico na relação entre o Conflito Conjugal e o Suporte Emocional Parental

## Resumo

O impacto do conflito conjugal na parentalidade é um dos dados mais consistentes ao nível da literatura de estudos da família. Neste sentido, a investigação tem procurado identificar mecanismos que possam mediar a associação entre o conflito conjugal e a relação pais-filhos. Contudo, apesar das evidências empíricas demonstrarem que o *coping* diádico dos elementos do casal se encontra fortemente relacionado com a qualidade conjugal, e considerando a perspectiva sistémica que postula a interdependência e influência mútua entre os diferentes subsistemas familiares, até à data desconhecem-se estudos publicados acerca da relação do *coping* diádico com as práticas parentais. Deste modo, o presente estudo pretende contribuir para a literatura sobre a relação conjugalidade-parentalidade, investigando o papel mediador do *coping* diádico na associação entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental. Participaram no estudo 202 famílias portuguesas (mãe, pai e filho/(a)), casados ou em união de facto, com filhos de idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos. Foi aplicado um questionário de dados sociodemográficos, o *O'Leary Porter Scale* (O'Leary & Porter, 1980), o *Inventário do Coping Diádico* (Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013), o *EMBU-Pais* (Canavarro, 1996) e o *EMBU-Crianças* (Canavarro & Pereira 2007b). Os resultados são consistentes com a literatura existente, mostrando uma relação indirecta entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental, mediada através do *coping* diádico, em particular o *coping* diádico apoiante. Os resultados indicaram também a existência de uma relação directa entre o conflito conjugal e o *coping* diádico, nomeadamente o apoiante, o delegado e o negativo, bem como entre o *coping* diádico apoiante e o suporte emocional parental.

**Palavras-Chave:** sub-sistema conjugal, sub-sistema parental, conflito conjugal, suporte emocional parental, *coping* diádico, *coping* diádico apoiante, *coping* diádico negativo, parentalidade

## Abstract

The impact of marital conflict on parenting it's one of the most consistent data as regards the literature of family studys. Accordingly, the investigation has sought to identify mechanisms that can mediate the association between the marital conflict and the relationship parents-children.

However, despite empirical evidence demonstrated that dyadic coping of the couple elements finds itself strongly related to marital quality, and considering the systemic perspective that postulates the interdependence and mutual influence between the different family sub-systems, to date are not known published studies on the relationship of dyadic coping with parenting practices. Thus, this study aims to contribute to the literature on marital-parenting relationship, investigating the mediating role of dyadic coping on the association between marital conflict and parental emotional support. 202 Portuguese families have participated in the study (mother, father and child), married or cohabiting, with children aged between 12 and 21 years . One sociodemographic questionnaire was applied , the *O'Leary Porter Scale* (O'Leary & Porter, 1980), the *Dyadic Coping Inventory* (Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013), o *EMBU-P* (Canavarro, 1996) e o *EMBU-C* (Canavarro & Pereira 2007b). The results are consistent with the existent literature, showing an indirect relationship between marital conflict and parental emotional support, mediated through dyadic coping, particularly supportive dyadic coping. The results also indicated the existence of a direct relationship between marital conflict and dyadic coping, including the supporter, the officer and the negative, as well as between supportive dyadic coping and parental emotional support.

**Key words:** marital sub-system, parental sub-system, marital conflict, parental emotional support, dyadic coping, supportive dyadic coping, negative dyadic coping, parenting

## Índice Geral

Introdução.....	1
Enquadramento Teórico.....	2
Metodologia.....	7
Resultados.....	12
Discussão dos resultados.....	15
Referências bibliográficas.....	20

### **Anexos:**

**Anexo A** - Autorização do Ministério de Educação

**Anexo B** – Solicitação de Colaboração às Famílias

**Anexo C** – Consentimento Informado

**Anexo D** – Protocolo de Investigação – Versão Pais

**Anexo E** – Protocolo de Investigação – Versão Filhos

## Índice de Tabelas

### **Tabela I.**

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias, em função do sexo dos filhos..... 13

### **Tabela II.**

Intercorrelações entre o conflito conjugal, as dimensões do *coping* diádico e o suporte emocional parental..... 14

### **Tabela III.**

Características Sociodemográficas da Amostra..... 27

## Índice de Figuras

### **Figura 1.**

Modelo Conceptual ..... 7

### **Figura 2.**

Modelo Estrutural com efeitos directos e indirectos, e o efeito mediador..... 15

## Introdução

O presente estudo insere-se no âmbito de uma investigação mais ampla, denominada *Relações familiares e Bem-Estar na Adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica*, a decorrer na Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa por Pedro e Francisco (2013<sup>1</sup>). Tendo como objectivo analisar e compreender as consequências que advém da actual crise económica portuguesa nas relações familiares, particularmente nas relações pais-filhos.

O estudo das relações familiares tem sido um tema recorrente na literatura. Considerando que a família é o contexto mais influente e, desta forma, o principal em que ocorre desenvolvimento humano (Bronfenbrenner, 1986), torna-se relevante aprofundar o conhecimento que existe das relações entre os sub-sistemas do núcleo familiar. Neste sentido, o presente estudo pretende analisar o impacto que as dificuldades da relação conjugal, nomeadamente o conflito conjugal, tem na relação pais-filhos, contemplado uma amostra de 202 famílias.

Embora hajam bastantes evidências empíricas que analisam o *coping* diádico (e.g., Bodenmann, 2005; Bodenmann, Meuwly, & Kayser, 2011; Bodenmann, Pihet, & Kayser, 2006a; entre outros), não existem ainda estudos que investiguem a relação entre o *coping* diádico e a parentalidade. É neste sentido que surge outra especificidade do nosso estudo, que pretende eliminar esta lacuna ao relacionar o *coping* diádico e a parentalidade, testando o papel do *coping* diádico na relação entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental. O nosso estudo, sendo portador de um carácter inovador e pertinente no estudo da família, permitir avançar na investigação realizada até então.

Seguidamente, apresenta-se a tese no formato de artigo científico, tal como será submetido a um periódico nacional.

---

<sup>1</sup> Investigação em curso

# **O Papel Mediador do *Coping* Diádico na relação entre o Conflito Conjugal e o Suporte Emocional Parental**

## **Enquadramento Teórico**

Um dos dados empíricos mais consistentes na literatura de estudos da família corresponde ao impacto do conflito conjugal nas práticas parentais, nomeadamente ao nível do suporte emocional que os progenitores fornecem aos seus filhos (e.g., Cummings & Davies, 2002; Cummings, Davies, & Simpson, 1994; Gerard, Krishnakumar, & Buehler, 2006; Krishnakumar & Buehler, 2000). O suporte emocional parental tem sido considerado uma das dimensões mais relevantes do comportamento parental (Canavarro & Pereira, 2007a, 2007b; Darling & Steinberg, 1993; Locke & Prinz, 2002; Schaefer, 1965; O'Connor, 2002), estando associado a vários aspectos do bem-estar do adolescente, tais como: maior ajustamento sócio-emocional e maior auto-estima (Boudreault-Bouchard, et al., 2013; Ochoa, Ferrer, & Pérez, 2006), bem como níveis mais baixos de *stress* (Holahan, Valentiner, & Moos, 1995), de psicopatologia e de comportamentos agressivos (Larsen & Dehle, 2007). Neste sentido, vários autores têm procurado investigar mecanismos através dos quais o conflito conjugal poderá afectar o suporte emocional parental (e.g., Erel & Burman, 1995; Krishnakumar & Buehler, 2000, entre outros). Contudo, apesar de a literatura salientar a importância do *coping* diádico para o funcionamento conjugal, o papel do *coping* diádico na relação entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental permanece ainda por investigar.

O presente estudo enquadra-se na perspectiva sistémica da família (Bertalanffy, 1968; Morin, 1994), a qual conceptualiza o sistema familiar como um todo complexo, constituído por vários sub-sistemas (e.g., sub-sistema parental) que se interrelacionam e influenciam mutuamente (Cox & Paley, 1997). Neste sentido, e segundo Minuchin (1985), a relação conjugal e a relação pais-filhos são interdependentes, considerando-se o sub-sistema conjugal a mais importante fonte de apoio físico, cognitivo e emocional da parentalidade (Belsky, 1984; Bonds & Gondoli, 2007). Assim, o presente trabalho pretende contribuir para um melhor entendimento do impacto do conflito conjugal no suporte emocional parental, investigando o papel mediador do *coping* diádico.

### ***Conflito Conjugal e Suporte Emocional Parental***

A investigação tem demonstrado de forma consistente que o conflito conjugal prejudica as práticas parentais, bem como a qualidade da relação pais-filhos (e.g., Buehler & Gerard, 2002; Cummings, et al., 1994; Kaczynski, et al., 2006). No que diz respeito ao

suporte emocional parental, o qual engloba qualquer tipo de comportamento parental que transmita aceitação e aprovação à criança, provocando nesta um sentimento de conforto na presença de qualquer um dos progenitores (Rollins e Thomas 1979, cit por Canavarro & Pereira, 2007a), vários estudos têm comprovado o impacto negativo do conflito conjugal no suporte emocional que os pais dão aos seus filhos (Azam & Hanif, 2011; Dunn, 1988, entre outros).

Holahan, e colaboradores (1995), por exemplo, avaliando o suporte parental reportado pelos filhos, observaram uma associação negativa entre o conflito conjugal e o suporte dos pais, especificamente, o apoio maternal e o apoio paternal. Ochoa e colaboradores (2006) analisando o suporte parental fornecido pelos pais e pelas mães, constataram que o conflito conjugal diminui a percepção de suporte que os adolescentes construíram acerca de ambos os pais. Por sua vez, Kaczynski e colegas (2006) verificaram que o conflito conjugal originava níveis elevados de parentalidade ineficaz, nomeadamente, diminuindo o suporte emocional providenciado por ambos os pais. Uma das explicações sugerida pelos autores refere-se à possibilidade dos pais que vivenciam uma situação de conflito conjugal, se sentirem sem energia ou motivação para estabelecerem uma interacção eficaz com os seus filhos. Num estudo mais recente, Azam e Hanif (2011) demonstraram a existência de uma associação forte e negativa entre o conflito conjugal e o suporte parental, verificando que níveis elevados de conflito conjugal entre os pais estava significativamente associado a menor proximidade na relação pais-filhos e diminuição do suporte emocional parental. Por outro lado, os resultados do estudo de Duncan e Hughes (2011) mostraram que, quando o conflito conjugal era mais frequente, as responsabilidades parentais tornavam-se secundárias, sendo o foco do casal o conflito, em vez do fornecimento de suporte aos seus filhos.

Uma das principais explicações para o impacto do conflito conjugal na parentalidade prende-se com a hipótese *spillover* (Faircloth & Cummings, 2008; Kaczynski, et al., 2006; Krishnakumar & Buehler, 2000), a qual se refere à transferência directa de afecto, humor e comportamentos de um sub-sistema para outro (Erel & Burman, 1995; Kouros, Goeke-Morey, Papp, & Cummings, 2014). Mais concretamente, esta hipótese sugere que a negatividade conjugal poderá ser transferida para a relação pais-filhos, ao diminuir a disponibilidade dos progenitores para os seus filhos (Gerard, et al., 2006; Krishnakumar & Buehler, 2000; Kouros, et al., 2014).

Contudo, menos estudos têm investigado o impacto do conflito conjugal que é explicitamente presenciado pelos filhos. Este aspecto corresponde a uma lacuna na literatura, sobretudo considerando que o conflito conjugal que ocorre na presença dos filhos pode ser particularmente prejudicial para o bem-estar das crianças e dos adolescentes, uma ideia que

tem sido salientada por alguns autores (Grych & Fincham, 1990; Mann & MacKenzie, 1996). Num dos poucos estudos que investigaram os efeitos do conflito conjugal presenciado pelos filhos, Kaczynski e colegas (2006) verificaram que quando o conflito aumenta, os pais exibem mais comportamentos de rejeição parental, bem como uma menor capacidade de responder às necessidades emocionais dos filhos. Faircloth e Cummings (2008) também analisaram a exposição dos filhos ao conflito conjugal. Neste estudo avaliaram a eficácia de um programa de educação parental, programa que tinha como objectivo prevenir os efeitos negativos do conflito na relação conjugal e na família. Os resultados encontrados mostraram que, quando aplicado o programa em questão, os pais reportavam menores níveis de hostilidade conjugal na presença dos filhos. Os resultados sugeriram ainda que com a diminuição da exposição ao conflito hostil entre os pais, é esperado que a probabilidade de que exista hipótese *spillover* também diminua.

Todavia, até à data não existem estudos publicados que tenham investigado, especificamente, a relação entre o conflito conjugal presenciado pelos filhos e o suporte emocional parental.

### ***O Papel Mediador do Coping Diádico***

O *coping* diádico compreende aos esforços de um ou de ambos os elementos do casal, para enfrentar e lidar com situações de *stress* que afectam um dos parceiros (*stress* diádico indirecto), ou ambos (*stress* diádico directo) (Bodenmann, 1995). Constituindo um padrão de *coping* sistémico, envolve ambos os membros de uma relação amorosa, de forma simétrica, complementar ou assimétrica (Bodenmann, 1995). O *coping* diádico diz assim respeito a estratégias de *coping* que visam a manutenção ou o restabelecimento do equilíbrio da díade, bem como o bem-estar de cada um dos parceiros (Bodenmann, 2005). Ocorre na interacção entre parceiros e corresponde à comunicação de *stress* de um dos parceiros ao outro, que percebe, interpreta e descodifica esses sinais e responde com alguma forma de *coping* diádico: *coping* diádico negativo, *coping* diádico apoiante, *coping* diádico delegado e *coping* diádico conjunto (referindo-se estes três últimos a formas de *coping* positivo) (Bodenmann, 2005; Bodenmann & Cina, 2006; Randall & Bodemann, 2009). O *coping diádico negativo* apresenta-se sob a forma de desinteresse ou sarcasmo em resposta ao *stress* do parceiro, utiliza estratégias de *coping* que não são autênticas, e responde ao sinal de *stress* emitido de forma relutante. Neste tipo de *coping* o parceiro pode não acreditar, verdadeiramente, na necessidade de apoio que o cônjuge exhibe, consiste num tipo de *coping* de carácter não sincero. Por sua vez, o *coping diádico apoiante* corresponde a todo o tipo de apoio que é providenciado pelo parceiro no contexto de *stress*, de modo a ajudar o cônjuge a encontrar um

novo equilíbrio. O *coping* diádico apoiante não é simplesmente um comportamento altruísta, é um tipo de suporte que ocorre em situações em que o cônjuge necessita de auxílio por parte do parceiro que, por sua vez, é capaz de lhe fornecer esse apoio. Os comportamentos concretos deste tipo de *coping* diádico correspondem, por um lado ao auxílio na resolução de problemas, através da partilha de papéis (tarefas diárias) e do fornecimento de informações e conselhos práticos, por outro refere-se ao entendimento empático que o parceiro constrói do *stress* do seu cônjuge. Este entendimento apresenta-se através do interesse que mostra pelos problemas do outro, das manifestações que faz relativamente às crenças que possui nas capacidades do cônjuge e do auxílio em reenquadrar a situação, em relaxar e em desacelerar. O *coping diádico delegado* refere-se à ajuda de um parceiro ao assumir a total responsabilidade de tarefas do outro, com o objectivo de aliviar a carga de trabalho do elemento do casal em fase de *stress*. Finalmente, o *coping diádico conjunto* associa-se a ambos os parceiros unirem esforços e, assim, trabalharem em conjunto de maneira a resolverem o evento de *stress*. (Bodenmann 1995; 1997; 2005).

Neste contexto, várias evidências empíricas têm comprovado o impacto significativo do *coping* diádico no funcionamento conjugal (e.g., Papp & Witt, 2010). Procurando avaliar os resultados de um programa de prevenção focado na promoção de competências de *coping* diádico em casais (*Couples Coping Enhancement Training*, CCET), Bodenmann, Charvoz, Cina, & Widmer (2001), concluíram que os casais que participaram no programa apresentavam uma melhoria significativa ao nível da sua qualidade conjugal. Do mesmo modo, num outro estudo, Bodenmann, Pihet e Kayser (2006a) verificaram que níveis mais elevados de *coping* diádico positivo e mais baixos de *coping* diádico negativo, estavam associados a maior qualidade conjugal, tanto para homens como para mulheres. No mesmo sentido, Bodenmann, Meuwly e Kayser (2011) concluíram que o *coping* diádico negativo era preditor de dificuldades ao nível do funcionamento da relação conjugal.

Assim, o presente estudo pretende contribuir para um maior conhecimento acerca da associação entre a relação conjugal e a relação pais-filhos, analisando o papel mediador do *coping* diádico, na relação entre o conflito conjugal presenciado pelos filhos e o suporte emocional parental. Se por um lado a investigação tem demonstrado a importância do *coping* diádico para a relação conjugal, indicando-o como um forte preditor de qualidade e satisfação conjugais (Bodenmann, et al., 2006a; Bodenmann, Pihet, Shatinath, Cina, & Widmer, 2016b; Bodenmann, et al., 2011; Iafraite, Bertoni, Margola, Cigoli, & Acitelli, 2011; Papp & Witt, 2010), por outro lado a relação entre o *coping* diádico e a parentalidade não tem sido alvo de muitas investigações. Desta forma, o presente estudo pretende colmatar esta

lacuna da literatura, procurando compreender de que forma é que o *coping* diádico poderá estar relacionado com o conflito conjugal e com o suporte emocional parental.

### ***O papel do género dos filhos***

Outro aspecto relevante e abordado no presente estudo prende-se com o papel do género dos filhos. Dada a larga inconsistência que existe ao nível do estudo do conflito conjugal e do suporte parental em famílias com filhos do sexo masculino e em famílias com filhos do sexo feminino, torna-se pertinente analisar as diferenças que possam surgir no presente estudo. Associando as variáveis da nossa investigação, nomeadamente o conflito conjugal, o *coping* diádico e o suporte emocional parental.

Segundo a literatura, muitos são os autores que examinaram os efeitos que o conflito conjugal tem no desenvolvimento dos filhos, diferenciando o sexo dos jovens (e.g., Collins & Russel 1991; Cox, Paley & Harter, 2001; Russel & Saebel 1997). McHale (1995) encontrou evidências que confirmaram que famílias com filhos rapazes exibem níveis superiores de conflito conjugal, em comparação com famílias com raparigas. Procurando diferenciar famílias com filhas raparigas de famílias com filhos rapazes, Block (1983) concluiu que existe um contraste na relação pais-filha e pais-filho, sendo que nas famílias com filhas raparigas são encontrados maiores níveis de afecto, proximidade física e confiança. Também Russel e Russel (1996) avaliou o suporte parental, diferenciando as famílias com filhas raparigas das famílias com filhos rapazes. Os autores concluíram que nas famílias com filhas raparigas, as filhas apresentaram maiores níveis de afecto, em comparação com os filhos das famílias com filhos rapazes.

Por outro lado, alguns autores concluíram que o conflito conjugal afecta mais as relações pais-filhos do mesmo sexo, do que do sexo oposto (Cox et al., 2001). Por exemplo no estudo desenvolvido por Osborne e Fincham (1996), encontraram evidências de que o conflito conjugal percebido pela criança era mais associado à negatividade na relação mãe-filho do que na relação mãe-filha (cit por Cox et al., 2001). Vários estudos concluíram que o envolvimento parental é maior nas relações pais-filhos, do que nas relações pais-filhas (e.g., Harris & Morgan, 1991; Marsiglio, 1991).

### **Objectivos e hipóteses**

O presente estudo tem como objectivo principal investigar o papel mediador do *coping* diádico do casal, na relação existente entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental. Deste modo, e com base nas evidências empíricas anteriormente apresentadas, propõem-se as seguintes hipóteses:

**Hipótese 1:** O *coping* diádico irá mediar a relação entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental.

**Hipótese 2:** O conflito conjugal estará negativamente associado ao suporte emocional parental.

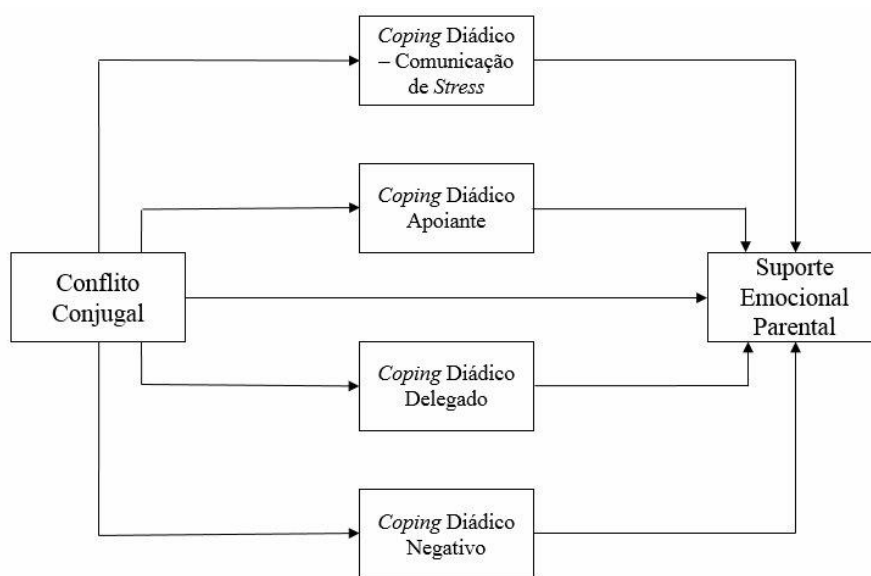
**Hipótese 3:** O conflito conjugal estará positivamente associado ao *coping* diádico negativo.

**Hipótese 4:** O conflito conjugal está negativamente associado ao *coping* diádico positivo (apoiente e delegado).

**Hipótese 5:** O *coping* diádico positivo estará positivamente associado ao suporte emocional parental.

Pretende-se ainda investigar possíveis diferenças ao nível das variáveis em estudo, entre famílias com filhos do sexo masculino e famílias com filhos do sexo feminino. Dada à inexistência de literatura acerca do estudo da relação entre o *coping* diádico e a parentalidade, considera-se esta análise como exploratória.

Em seguida, na Figura 1 apresenta-se o modelo conceptual correspondente ao presente estudo.



**Figura 1.** Modelo Conceptual proposto

## Metodologia

### Participantes

O presente estudo insere-se numa investigação mais ampla, denominada de *Relações Familiares e Bem-Estar na Adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de*

*crise económica* (Pedro & Francisco, 2013<sup>2</sup>). A amostra inicial contemplava um total de 218 famílias. Os seguintes critérios de inclusão foram aplicados: (a) casais heterossexuais, casados, recasados ou em união de facto há pelo menos dois anos; (b) casais com filhos a frequentarem o 3º ciclo do ensino básico ou o ensino superior; (c) ambos os elementos do casal teriam de preencher o protocolo de investigação; (d) capacidade para ler e escrever fluentemente Língua Portuguesa.

As características sociodemográficas da amostra são apresentadas na Tabela III. A amostra final incluía 202 famílias completas [202 pais, 202 mães e 202 filhos(as)], com um total de 606 participantes.

Relativamente à amostra de casais, todos eram residentes em Portugal, com idades compreendidas entre os 29 e os 66 anos (mulheres:  $M=44.60$ ,  $SD=4.87$ ; homens:  $M=46.36$ ,  $SD=6.11$ ). A média de filhos era de 2 (53.8%,  $n=109$ ). Os participantes reportaram diferentes níveis de escolaridade, sendo que a maioria das mães (37.1%,  $n=75$ ) e dos pais (32.7%,  $n=66$ ) frequentaram a escola até ao ensino secundário (do 10º ao 12º ano). Relativamente à situação laboral, a maioria dos participantes trabalhava por conta de outrem (mulheres: 63.4%  $n=128$ ; homens: 64.4%  $n=130$ ) e cerca de 10.9% das mães e 10.4% dos pais encontrava-se em situação de desemprego.

Em relação aos filhos, 61.8% ( $n=125$ ) eram do sexo feminino e 38.1% ( $n=77$ ) do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos ( $M=15.28$ ;  $SD=1.81$ ). Relativamente ao nível de escolaridade, 57.4% ( $n=116$ ) dos participantes eram do Ensino Secundário (10º, 11º e 12º anos de escolaridade), e 42.5% ( $n=86$ ) frequentavam o Ensino Básico (7º, 8º e 9º anos de escolaridade). No que respeita à estrutura familiar, a maioria dos adolescentes reportou viver no seio de uma família nuclear intacta (84.7%,  $n=171$ ) e 5.9% ( $n=12$ ) dos reportaram viver no seio de uma família alargada.

### **Procedimento**

A recolha de dados do presente estudo foi efectuada através de dois formatos: (a) por 8 escolas públicas do 3º ciclo e do ensino secundário da zona da Grande Lisboa; (b) por uma amostragem de propagação geométrica (*snowball*), por intermédio de contactos individualizados realizados pelo grupo de mestrandas inseridas na investigação.

Relativamente ao primeiro tipo de recolha supracitado, este ocorreu após aprovação do projecto em que esta investigação se insere, pela Direcção Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação e pela Comissão de Deontologia da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa. De seguida, foi pedida aprovação ética e

---

<sup>2</sup> Investigação em curso, por Pedro, M. & Francisco, R., 2014

o consentimento informado junto do Conselho Executivo de cada uma das escolas, previamente ao início do estudo. A fase seguinte prendeu-se com os pedidos de autorização dirigidos aos pais, sendo estes contactados por intermédio dos próprios filhos, através da distribuição de cartas aos alunos do 7º ao 12º anos de escolaridade, as quais remetiam para a descrição do estudo e convidavam as famílias a participarem no mesmo, esta fase decorreu entre Janeiro e Abril de 2014. Foi explicitamente indicado que a não participação no estudo não teria quaisquer consequências negativas para o aluno.

Os participantes preencheram os protocolos anonimamente, tanto em contexto de sala de aula com a presença do professor da disciplina e de um dos investigadores do projecto, assim como em contexto de domicílio, dependendo das directivas de cada uma das escolas. Para preenchimento em contexto domiciliário, foram entregues os protocolos aos participantes, que ficaram responsáveis por entregar dois deles aos respectivos pais, estes protocolos foram enviados a partir de envelopes selados. Cada protocolo continha instruções claras para os progenitores responderem em separado e de forma independente. O tempo total de resposta aos questionários, que compõem o protocolo, rondou os 40 minutos. De modo a clarificar qualquer tipo de dúvida que pudesse surgir no preenchimento dos mesmos, foi fornecido o contacto da investigadora principal. Posteriormente, os questionários foram entregues aos professores responsáveis das turmas participantes, ou, no caso da amostragem de propagação geométrica (*snowball*), às mestrandas responsáveis pela referida recolha.

Desta forma, recorreu-se a um processo de amostragem não probabilística de conveniência.

### **Instrumentos**

***Suporte Emocional Parental.*** O suporte emocional fornecido pelos pais aos filhos foi avaliado através da sub-escala Suporte Emocional da versão portuguesa do EMBU-Pais [EMBU-P] (Castro, Toro, Arrindell, van der Ende, & Puig, 1990; Versão Portuguesa: Canavarro & Pereira, 1996). O EMBU-P é um instrumento de auto-relato que pretende avaliar os estilos parentais educativos, segundo a percepção dos próprios progenitores, numa escala de Likert, de 1 (Não, nunca) a 4 (Sim, sempre). A sub-escala Suporte Emocional é constituída por 14 itens, que exprimem a expressão verbal e física de suporte afectivo por parte dos pais (e.g., *Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?*), a aceitação parental (e.g., *Respeita as opiniões do seu filho?*) e a disponibilidade física e psicologia dos pais (e.g., *Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?*). O Suporte Emocional Parental revelou níveis adequados de consistência interna, para homens ( $\alpha = .92$ ) e para mulheres ( $\alpha = .87$ ).

O suporte emocional parental foi também reportado pelos filhos, através da versão portuguesa do EMBU para adolescentes. A versão para adolescentes foi desenvolvida a partir de uma adaptação do EMBU (*Egna Minnen Beträffande Uppfostran*; Perris, Jacobsson, Lindstrom, von Knorring, & Perris, 1980; Versão Portuguesa: Canavarro, 1996), de modo a mas tendo este sido adequado aos filhos. O EMBU para adolescentes tem como objectivo avaliar a percepção que os adolescentes têm dos estilos parentais educativos dos seus progenitores. Neste estudo, foi utilizada a sub-escala Suporte Emocional, composta por 7 itens, cotados numa escala de tipo Likert, de 1 ponto (“Não, nunca”) a 4 (“Sim, a maior parte do tempo”). As respostas dos filhos referentes aos pais e às mães revelaram um nível de consistência interna adequado (respectivamente  $\alpha = .90$  e  $\alpha = .85$ ). Pontuações mais elevadas reflectem uma maior percepção de suporte emocional parental, na versão EMBU-P e EMBU-C.

**Conflito Conjugal.** Para avaliar o conflito conjugal utilizou-se a versão portuguesa da “*O’Leary-Porter Scale*” (OPS; O’Leary & Porter, 1980; Versão Portuguesa: Pedro & Francisco, 2014). A OPS avalia as percepções dos pais relativamente à frequência com que o conflito conjugal ocorre na presença dos filhos. A escala é composta por 10 itens, referentes a diferenças entre os cônjuges acerca da disciplina (e.g., *Com que frequência você e o/a seu/sua companheiro/a discutem sobre a educação dos filhos à frente deste/a filho/a?*), hábitos do cônjuge, bem como à frequência com que ocorre agressão física e verbal (e.g., *Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o/a seu/sua companheiro/a em frente a este/a filho/a?*), e demonstrações de afecto (e.g., *Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram afecto um para com o outro em frente a este(a) filho(a)?*). O item 10 foi invertido, seguindo as instruções dos autores da escala original. As questões são respondidas com base numa escala de Likert de 1 (Nunca) a 5 (Muito Frequentemente). Pontuações mais elevadas correspondem a um maior nível de conflito interparental. A OPS revelou níveis adequados de consistência interna, para homens ( $\alpha = .80$ ), e para mulheres ( $\alpha = .70$ ).

**Coping Diádico.** O *coping* diádico foi avaliado através da versão Portuguesa do “*Dyadic Coping Inventory*” [DCI] (Bodenmann, 2008; Versão Portuguesa: Vedes, Nussbeck, Bodenman, Lind, & Ferreira, 2013). O DCI tem como objectivo primordial avaliar o suporte que cada parceiro fornece e recebe do seu cônjuge e, avalia também a forma de como o casal lida com o *stress*. O DCI é composto por 37 itens, medidos numa escala de Likert de 1 (Muito raramente) a 5 (Muito frequentemente), e inclui 9 sub-escalas: (a) *Comunicação do stress próprio*; (b) *Comunicação do stress outro*; (c) *Coping diádico apoiante próprio*; (d) *Coping*

*diádico apoiante outro; (e) Coping diádico negativo próprio; (f) Coping diádico negativo outro; (g) Coping diádico delegado próprio; (h) Coping diádico delegado outro; (i) Coping diádico conjunto.* As primeiras 8 sub-escalas descrevem o comportamento demonstrado tanto pelo próprio indivíduo como pelo parceiro (e.g., *O meu parceiro(a) mostra-me empatia e compreensão; Quando o meu parceiro(a) sente que tem demasiado para fazer, eu ajudo-o/a.*). A sub-escala *coping diádico conjunto* descreve o comportamento mostrado juntamente por ambos os parceiros (e.g., *Somos carinhosos um com o outro, fazemos amor e tentamos, assim, lidar com o stress.*). O DCI revelou níveis adequados de consistência interna, para homens ( $\alpha = .89$ ) e para mulheres ( $\alpha = .87$ ).

**Dados Sociodemográficos.** Os participantes forneceram ainda informações sociodemográficas relevantes para o estudo (e.g., sexo, idade, ano de escolaridade, situação familiar nível de escolaridade e profissão dos pais, entre outras), através de um questionário sociodemográfico elaborado para o presente estudo.

### **Análise Estatística**

Primeiramente, foi realizada a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão) e analisado o padrão de correlações entre as variáveis, através do *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 22 (SPSS, Inc., Chicago, IL). De seguida, testaram-se as diferenças de médias entre o sexo dos filhos (pais de rapazes e pais de raparigas) nas variáveis em estudo, utilizando o teste *t-Student* de comparação de médias. Consideraram-se diferenças estatisticamente significativas as que apresentaram um *p-value* do teste igual ou inferior a 0,05. Numa fase seguinte, o modelo de mediação proposto na Figura 1 foi testado através do método de *Path Analysis*, com recurso ao *software* AMOS 22 (Arbuckle, 2012). Para o tratamento de valores omissos foi aplicado o algoritmo *Expectation Maximization* (EM), como recomendado por Tabachnick (2001). Este algoritmo utiliza um procedimento activo onde os valores ausentes são preenchidos, existindo uma estimativa dos seus parâmetros (Enders, 2010). De acordo com os autores MacKinnon, Lockwood e Williams, (2004) para testar a hipótese de mediação bem como a significância dos efeitos indirectos, utilizou-se o método de reamostragem *Bootstrap* (Shrout & Bolger, 2002).

De acordo com Hu e Bentler (1999) a avaliação do ajustamento do modelo aos dados foi realizada com base na análise dos seguintes índices de ajustamento: o qui-quadrado ( $\chi^2$ ), *Goodness of Fit* (GFI) e *Comparative Fit* (CFI). Segundo os autores, valores de GFI > .95, de CFI > .90 valores são indicadores de um bom ajustamento. Relativamente ao índice de ajustamento *Root Mean Square Error of Approximation* (RMSEA) e de acordo com Kline

(2005), valores de RMSEA < .10 é considerado um indicador de um bom ajustamento do modelo.

## **Resultados**

### **Estatística descritiva e diferenças de médias entre filhos e filhas**

Na Tabela I apresentam-se os resultados médios das variáveis do presente estudo, nomeadamente, conflito conjugal, *coping* diádico (comunicação de *stress*, *coping* diádico apoiante, *coping* diádico delegado, *coping* diádico negativo) e suporte emocional parental, e respectivos desvios-padrão para os participantes pais, sendo que foram analisados em separado (pais de rapazes e pais de raparigas). Apresentam-se ainda os resultados do teste de diferenças de médias *t-Student*. Importa referir que as amostras da comparação em questão reportam valores diferentes, os pais de raparigas apresentam um  $n=125$ , enquanto que os pais de rapazes mostram um  $n=77$ .

No que se refere ao conflito conjugal reportado pelos elementos do casal, observa-se que os pais de rapazes apresentam valores médios de conflito significativamente superiores aos valores médios dos pais de raparigas. No respeitante ao *coping* diádico observa-se que os pais de raparigas apresentam valores médios significativamente superiores nas variáveis comunicação de *stress* e o *coping* diádico positivo (apoiante e delegado), comparativamente com os pais de rapazes. Contrariamente, na variável *coping* diádico negativo são os pais de rapazes que apresentam valores médios significativamente superiores aos valores médios reportados pelos pais de raparigas. Por fim, na comparação relativa à variável suporte emocional parental, observa-se que os pais de raparigas apresentam valores superiores aos valores médios apresentados pelos pais de rapazes.

**Tabela I.**

*Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e diferenças de médias, em função do sexo dos filhos (N = 202)*

Variável	Amplitude	Pais de raparigas (n=125)		Pais de rapazes (n=77)		t	p
		M	DP	M	DP		
Conflito Conjugal	1-5	1.98	.476	2.16	.478	<b>2.741**</b>	.007
<i>Coping</i> Diádico							
Comunicação de stress	1-5	3.40	.612	3.15	.522	<b>-2.986**</b>	.003
<i>Coping</i> Diádico Apoiante	1-5	3.71	.639	3.29	.549	<b>-4.845***</b>	.000
<i>Coping</i> Diádico Delegado	1-5	3.48	.674	3.19	.519	<b>-3.302***</b>	.001
<i>Coping</i> Diádico Negativo	1-5	1.66	.328	2.60	.330	<b>19.689***</b>	.000
Suporte Emocional Parental	1-4	3.45	.336	3.27	.439	<b>-3.293***</b>	.001

*Nota: \*\* p < .01; \*\*\* p < .001; As diferenças significativas encontram-se a negrito*

### **Análises descritivas e correlações**

Na Tabela II apresentam-se as análises descritivas e as correlações entre as variáveis em estudo, obtidas através do coeficiente de correlação de *Pearson*.

De uma forma geral, as correlações são consistentes com o padrão de relações esperado entre as variáveis. Relativamente ao conflito conjugal, as análises de correlação indicaram que esta variável se correlaciona negativamente com o suporte emocional parental e com o *coping* diádico positivo, e positivamente com o *coping* diádico negativo. Por sua vez, o *coping* diádico negativo mostrou-se negativamente correlacionado com o suporte emocional parental, contrariamente ao *coping* diádico positivo (apoiante e delegado), que revelou uma correlação positiva com o suporte emocional parental. No que diz respeito às dimensões do *coping* diádico, verificaram-se correlações positivas entre a comunicação de stress e as variáveis de *coping* diádico positivo, bem como entre o *coping* diádico apoiante e o *coping*

diádico delegado. Por outro lado, o *coping* diádico negativo apresentou uma correlação negativa relativamente à comunicação de *stress* e ao *coping* diádico positivo.

**Tabela II.**

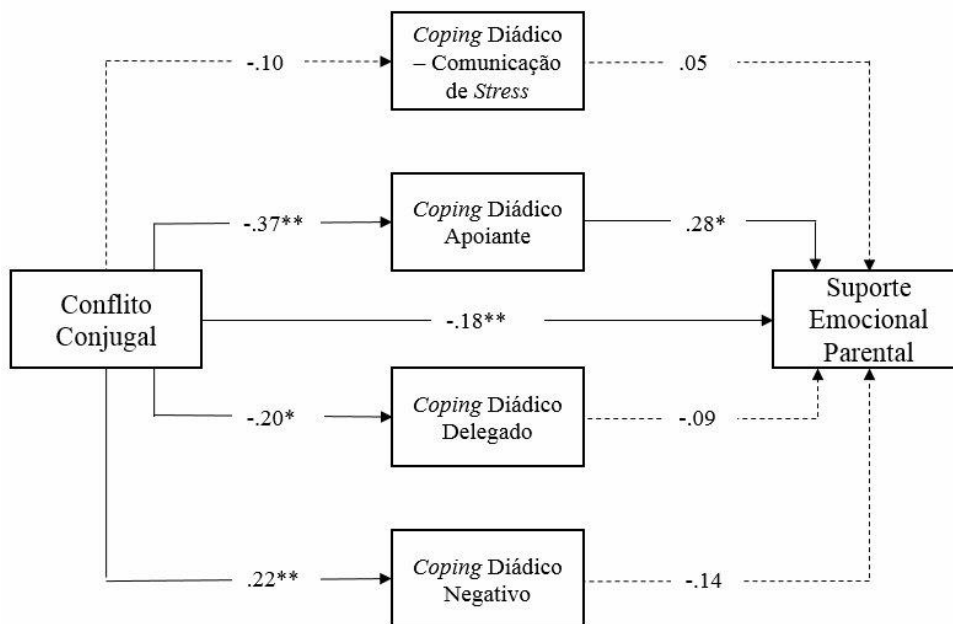
*Intercorrelações entre o conflito conjugal, as dimensões do coping diádico e o suporte emocional parental (N=202)*

Variável	1	2	3	4	5	6
1.Conflito Conjugal	--					
<i>Coping</i> Diádico						
2.Comunicação de <i>Stress</i>	-.097	--				
3. <i>Coping</i> Diádico Apoiante	-.370**	.736**	--			
4. <i>Coping</i> Diádico Delegado	-.195**	.689**	.739**	--		
5. <i>Coping</i> Diádico Negativo	.218**	-.176*	-.280**	-.177*	--	
6.Suporte Emocional Parental	-.301**	.239**	.360**	.216**	-.249**	--
Mean	2.05	3.30	3.55	3.37	2.02	3.36
SD	.485	.591	.639	.635	.562	.409

Nota: \*  $p < .05$  \*\*  $p < .01$

**O Papel Mediador do *Coping* Diádico**

*Ajustamento do modelo aos dados:* Os índices de ajustamento revelam que o modelo conceptual proposto (Figura 1) é adequado aos dados:  $\chi^2 (2, N=202) = 5.541, p = .063$ , GFI = .99, CFI = .99, RMSAE = .094. Na figura 2 apresenta-se o modelo estrutural com os efeitos directos e indirectos, e ainda o efeito de mediação encontrado entre conflito conjugal e o suporte emocional parental, através do *coping* diádico.



**Figura 2.** Modelo estrutural com efeitos directos e indirectos e o mediador do conflito conjugal com o *coping* diádico e suporte emocional parental.

**Efeitos Directos.** No que respeita à relação directa entre o conflito conjugal e as dimensões do *coping* diádico utilizadas pelo casal, os resultados indicaram a presença de efeitos directos, nomeadamente entre o conflito conjugal e o *coping* diádico apoiante ( $\beta = -.37, p < .01$ ) e delegado ( $\beta = -.20, p < .05$ ), bem como entre o conflito conjugal e o *coping* diádico negativo ( $\beta = .22, p < .01$ ). Não foram encontrados resultados significativos entre o conflito conjugal e a comunicação de *stress* ( $\beta = -.10, p = .21$ ). Em relação às dimensões do *coping* diádico e o suporte emocional parental, apenas se verificou um efeito directo, nomeadamente, entre o *coping* diádico apoiante e o suporte emocional parental ( $\beta = .28, p < .05$ ). No que respeita ao conflito conjugal e ao suporte emocional fornecido aos filhos, não foram observados resultados significativos ( $\beta = -.18, p > .01$ ). Os resultados não evidenciaram efeitos significativos entre as dimensões do *coping* diádico (comunicação de *stress*, delegado e negativo) e o suporte emocional parental (respectivamente:  $\beta = .05, p = .21$ ;  $\beta = -.09, p < .05$ ; e  $\beta = -.14, p < .01$ ).

**Efeitos Indirectos.** Os resultados indicaram a existência de efeitos indirectos entre o conflito conjugal e o suporte emocional fornecido aos filhos ( $\beta = -.18, p < .01$ ), mas apenas através da dimensão de *coping* diádico apoiante. Foi explicada, aproximadamente .18% da variância do suporte emocional parental.

## Discussão de Resultados

O presente estudo contribuiu para o desenvolvimento da literatura referente ao impacto das dificuldades conjugais na parentalidade, ao investigar o papel mediador do *coping* diádico, na relação entre o conflito conjugal presenciado pelos filhos e o suporte emocional

parental. A investigação das relações entre o *coping* diádico e a parentalidade é ainda muito escassa, não sendo conhecidos, até à data, estudos publicados nesta área, pelo que este trabalho representa um primeiro esforço para colmatar esta lacunas da literatura.

Relativamente ao nosso objectivo, referente à comparação entre pais de rapazes e pais de raparigas, verificou-se que os pais de rapazes apresentavam valores médios superiores aos pais de raparigas, relativamente às dimensões conflito conjugal, *coping* diádico negativo e suporte emocional. Apesar da larga inconsistência verificada no estudo das diferenças de sexo dos filhos, estes resultados são consistentes com algumas investigações anteriores (Cox, et al., 2001; McHale, 1995), que sugerem que ocorre mais conflito conjugal nas famílias com filhos rapazes. Nomeadamente no estudo de McHale (1995), o autor considerou que o género do filho desempenha um papel importante ao nível das dinâmicas familiares (e.g., na parentalidade), em particular em famílias onde os casais vivenciam *stress* conjugal. No que diz respeito à dimensão comunicação de *stress* e ao *coping* diádico positivo (apoiente e delegado), os pais de raparigas apresentaram valores médios superiores aos pais de rapazes, contrariamente ao *coping* diádico negativo, onde os pais de rapazes apresentaram valores médios superiores, como observado no conflito conjugal. Quanto ao fornecimento de suporte emocional parental, os valores médios dos pais de raparigas mostraram-se superiores aos valores médios reportados pelos pais de rapazes. Estes resultados são consistentes com estudos anteriores, nomeadamente ao de Russel e Russel (1996), em que as raparigas apresentaram níveis superiores de afecto por parte dos seus pais, comparativamente aos rapazes. E também no estudo desenvolvido por McHale (1995), em que o autor indicou que há uma maior tendência em famílias de raparigas, a ser desenvolvido uma harmonia familiar, ao contrário de famílias de rapazes. Recorrendo a uma visão geral dos resultados apresentados, é possível constatar que os dados sugerem que as famílias com rapazes apresentam médias mais altas ao nível da negatividade (conflito conjugal, *coping* diádico negativo e menos suporte parental) e as famílias de raparigas médias mais altas ao nível da positividade (menos conflito conjugal, *coping* diádico positivo e suporte emocional parental).

De acordo com o esperado, a hipótese de que o *coping* diádico desempenha um papel mediador foi corroborada, tendo-se observado uma relação indirecta entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental, através do *coping* diádico. Contudo, importa referir que o único tipo de *coping* diádico que apresentou um efeito mediador foi o *coping* diádico apoiente. Estes dados sugerem que o conflito conjugal está associado a menores estratégias de *coping* diádico apoiente por parte de ambos os elementos do casal, o que, por sua vez, parece estar relacionado com uma diminuição da expressão verbal e física de apoio afectivo por parte dos progenitores, bem como da aceitação parental e da disponibilidade física e emocional dos

pais. Este estudo acrescenta, assim, à literatura já existente que indica que o conflito conjugal está associado a menores níveis de suporte emocional parental (Azam & Hanif 2011; Holaha, et al., 1995; Kaczynski, et al., 2006; Ochoa, et al., 2006), demonstrando que esta relação é mediada pelo *coping* diádico apoiante.

O facto do *coping* diádico apoiante ter sido o único tipo de *coping* a desempenhar um papel mediador na relação entre as variáveis analisadas, deverá também ser salientado. No que diz respeito à manutenção de uma parentalidade positiva no contexto de conflito interparental, os resultados observados parecem indicar que o *coping* diádico apoiante poderá desempenhar um papel mais relevante, relativamente aos outros tipos de *coping*. O facto de um dos elementos do casal ajudar o outro a lidar com o *stress*, sendo que este não é apenas um comportamento altruísta, implica esforços para ajudar o outro, com o objectivo de também reduzir o *stress* do próprio (Bodenmann, 2005). Parece, assim, ter especial importância ao nível da promoção de práticas parentais mais adequadas ao desenvolvimento dos filhos. Contudo, esta é uma área ainda muito pouco explorada e, como tal, são necessários mais estudos que investiguem a relação *coping* diádico e a parentalidade, em particular o suporte emocional parental.

No que respeita à segunda hipótese, os resultados são consistentes com estudos anteriores que remetem para a existência de uma associação negativa entre o conflito conjugal e o suporte emocional parental (e.g., Buehler & Gerard, 2002; Cummings, et al., 1994; Kaczynski, et al., 2006; Dunn, 1988; Krishnakumar & Buehler, 2000). Nomeadamente, Azam e Hanif (2011), observaram uma relação negativa entre o conflito conjugal e o suporte parental, indicando que quanto maior o conflito conjugal, maior a possibilidade dos pais se tornarem menos atentos às necessidades das crianças, prejudicando deste modo a relação pais-filhos. Outra explicação possível poderá estar relacionada com o facto do conflito conjugal diminuir a energia e a motivação dos progenitores para estabelecerem uma interacção positiva com os seus filhos, (Kaczynski et al., 2006). Por outro lado, Duncan e Hughes (2011) salientarem que, na presença de conflito no casal, este torna-se a preocupação central dos pais, originando mudanças no comportamento parental (e.g., falta de apoio e de atenção). Contudo, o conflito conjugal explicitamente presenciado pelos filhos é ainda um aspecto pouco investigado na literatura. Neste sentido, o presente trabalho contribuiu também para colmatar esta lacuna da literatura, fornecendo evidências para a associação entre o conflito conjugal que ocorre na presença dos filhos e um menor suporte emocional parental.

No seu conjunto, os resultados vão assim ao encontro de estudos anteriores que comprovam a hipótese *spillover* do conflito conjugal, sugerindo uma transferência da negatividade da relação conjugal para a relação pais-filhos (Almeida, et al., 1999; Gerard, et

al., 2014; Kaczynski, et al., 2006; Kouros, et al., 2014), nomeadamente para o suporte emocional parental (Cox, et al., 2001; Erel & Burman, 1995; Faircloth & Cummings, 2008; Krishnakumar & Buehler, 2000), através do *coping* diádico apoiante.

No que diz respeito à terceira e quarta hipótese proposta, os resultados confirmam a presença de uma relação positiva entre o conflito conjugal e o *coping* diádico negativo, e de uma relação negativa entre o conflito conjugal e o *coping* diádico positivo. Estes dados são consistentes com estudos anteriores que destacam o *coping* diádico como preditor de conflito conjugal. Bodenmann e colegas (2006a), por exemplo, observaram uma forte relação entre níveis elevados de *coping* diádico negativo e a existência de discussões conjugais, considerando o *coping* diádico negativo um forte preditor de discussão conjugal Bodenmann e colegas (2011). Estes resultados parecem assim indicar que, na presença de conflito, os elementos do casal parecem ter uma maior tendência para comportamentos hostis, ambivalentes e superficiais, em que o apoio fornecido ao parceiro não é sincero (Bodenmann, 2005), bem como uma menor probabilidade de recorrerem a estratégias de *coping* diádico positivo.

Os nossos resultados sugerem ainda que o *coping* diádico positivo está positivamente associado ao suporte emocional parental, corroborando a quinta hipótese do nosso estudo. Este dado constitui um contributo importante, na medida em que o *coping* diádico tem sido investigado, maioritariamente, relativamente a dimensões da relação conjugal, desconhecendo-se estudos que se tenham focado na associação entre o *coping* diádico e a parentalidade. Deste modo, o facto de os casais recorrerem a estratégias de *coping* positivo, parece estar relacionado com níveis mais elevados de apoio parental. Estas estratégias de *coping* diádico positivo correspondem ao auxílio na resolução de problemas (e.g., partilha de papéis – tarefas diárias – fornecimento de informações relevantes e conselhos práticos), e a um entendimento empático (e.g., validação, crença e orgulho nas capacidades do parceiro, incentivo à calma e ao relaxamento) (Bodenmann, 1995; 1997).

Contudo, este trabalho representa apenas uma primeira contribuição para a inexistente de investigação nesta área, pelo que são necessários mais estudos que examinem o impacto do *coping* diádico dos casais no seu comportamento parental.

#### ***Limitações e Implicações Futuras***

O presente estudo contribuiu para um melhor entendimento do impacto do conflito conjugal na parentalidade, considerando o *coping* diádico como variável mediadora desta relação. Porém, devem ser referidas algumas limitações.

Em primeiro lugar, a taxa de resposta foi inferior ao que era esperado, resultando numa amostra mais reduzida ( $N = 202$  famílias). Outro aspecto respeitante à nossa amostra prende-se com a recolha de dados. O facto de a amostra ter sido constituída apenas por participantes residentes na área metropolitana da Grande Lisboa não corresponde a uma amostra representativa da população portuguesa, impedindo a generalização dos resultados para a nossa população. E, por outro lado, o facto de os participantes residirem, exclusivamente, em contexto urbano impossibilita a captação de outros obstáculos que possam surgir na vida das famílias provenientes de zonas rurais e do interior do país.

Por outro lado, a natureza transversal dos dados impossibilita a averiguação de causalidade entre as variáveis em estudo, sendo necessários estudos futuros que recorram a uma metodologia longitudinal, de modo a possibilitar uma maior compreensão da direcção da causalidade entre as variáveis analisadas.

Existem também alguns aspectos referentes ao procedimento de aplicação dos protocolos que deverão ser destacados. Nomeadamente, o facto de alguns participantes (a totalidade dos pais e alguns filhos) terem respondido aos questionários em contexto de domicílio, sem a presença dos investigadores, o que não permitiu garantir que as questões eram respondidas em separado, podendo ter causado constrangimentos na resposta aos protocolos. Outro aspecto importante refere-se ao presente estudo ter recorrido apenas a questionários de auto-relato, sendo por isso necessário desenvolver mais estudos que utilizem outro tipo de metodologia, por exemplo a observação naturalística.

Este estudo apresenta algumas implicações clínicas relevantes, para a intervenção com famílias com filhos adolescentes.

Tal como defende Cutrona (1996) quando surgem desentendimentos entre o casal, as atitudes demonstradas por ambos podem prevenir os conflitos de uma elevada intensidade emocional, isto acontece porque o apoio que é fornecido dentro da relação conjugal pode promover um ambiente emocional positivo. Neste sentido, os resultados do presente estudo sublinham a importância de, no trabalho com casais que apresentam dificuldades ao nível da parentalidade, decorrente do conflito conjugal, um dos objectivos da intervenção clínica deverá ser a de promover estratégias de *coping* diádico positivo em ambos os elementos do casal, de forma a promover práticas parentais mais eficazes e assegurar uma relação pais-filhos mais positiva. Ao analisar esta premissa, entende-se que a promoção de estratégias de *coping* diádico positivo entre o casal, possam diminuir e atenuar os efeitos do conflito conjugal.

Para o desenvolvimento de estratégias de *coping* diádico em casais, seria necessário incluir uma avaliação rigorosa do conflito, seguindo-se de uma fase de questionamento aos

elementos do casal, de cariz reflexivo e sobre o que poderia ser feito para melhorar as suas próprias competências. Numa fase posterior daria-se início a intervenção prática com os casais, a que corresponde um trabalho motivacional com os participantes, o ensino de competências e a manutenção das mesmas nas interações do dia-a-dia. Seria interessante e pertinente adaptar o programa de prevenção focado na promoção de competências de *coping* diádico em casais (*Couples Coping Enhancement Training*, CCET) nesta intervenção, visto que o CCET é composto por vários passos que sensibilizam e mostram aos casais os benefícios que podem advir do recurso a estratégias de *coping* diádico.

## Referências Bibliográficas

- Arbuckle, J. L. (2012). *Amos 21.0 User's guide*. Chicago, USA: SPSS, IBM
- Azam, A., & Hanif, R. (2011). Impact of parents' marital conflicts on parental attachment and social competence of adolescents. *European Journal of Developmental Psychology*, *8*, 157-170. doi: 10.1080/17405620903332039.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, *55*, 83-96.
- Bertalanffy, L. (1968) *Teoria geral dos sistemas*. S. Paulo: Vozes.
- Bodenmann, G. (1995). A systemic-transactional conceptualization of stress and coping in couples. *Swiss Journal of Psychology*, *54*(1), 34-49.
- Bodenmann, G. (1997). Dyadic coping: A systemic-transactional view of stress and coping among couples: Theory and empirical findings. *Revue Européene de Psychologie Appliquée*, *47*, 137-140.
- Bodenmann, G. (2005). Dyadic coping and its significance for marital functioning. In T. A. Reverson, K. Kayser, & G. Bodenmann (Eds), *Couples coping with stress: Emerging perspectives on dyadic coping* (33-50). Washington DC: American Psychological Association.

- Bodenmann, G., Charvoz, L., Cina, A., & Widmer K. (2001). Prevention of marital distress by enhancing the coping skills of couples: 1-year follow-up-study. *Swiss Journal of Psychology, 60*(1), 3-10.
- Bodenmann, G., & Cina, A. (2006). Stress and coping among stable-satisfied, stable distressed and separated/divorced swiss couples. *Journal of Divorce & Remarriage, 44*(1), 71-80. doi:10.1300/J087v44n01\_04.
- Bodenmann, G., Meuwly, N., & Kayser, K. (2011). Two conceptualizations of dyadic coping and their potential for predicting relationship quality and individual well-being, a comparison. *European Psychologist, 16*, 255-266. doi:10.1027/1016-9040/a000068.
- Bodenmann, G., Pihet, S., & Kayser, K. (2006a). The relationship between dyadic coping and marital quality: A 2 year longitudinal study. *Journal of Family Psychology, 20*, 485-493. doi:10.1037/0893-3200.20.3.485.
- Bodenmann, G., Pihet, S., Shantinath, S., Cina, A., & Widmer, K. (2006b). Improving dyadic coping in couples with a stress-oriented approach: A 2-year longitudinal study. *Behavior Modification, 30*, 571-597. doi:10.1177/0145445504269902.
- Bonds D. D., & Gondoli, D. M. (2007). Examining the process by which marital adjustment affects maternal warmth: The role of coparenting support as a mediator. *Journal of Family Psychology, 21*(2), 288-296. doi:10.1037/0893-3200.21.2.288.
- Boudreault-Bouchard, A-M., Dion, J., Hains, J., Vandermerschen, J., Laberge, L., & Perron, M. (2013). Impact of parental emotional support and coercive control on adolescents' self-esteem and psychological distress: Results of a four-year longitudinal study. *Journal of Adolescence, 36*, 695-704. doi:10.1016/.2013.05.002.

- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research Perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Buehler, C., & Gerard, J. M. (2002). Marital conflict, ineffective parenting, and children's and adolescent's maladjustment. *Journal of Marriage and Family*, 64, 78-92.
- Canavarro, M. C. (1996). A avaliação das práticas educativas através do EMBU: Estudos psicométricos. *Psychologica*, 16, 5-18.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007a). A avaliação dos estilos parentais educativos na perspectiva dos pais: A versão portuguesa do EMBU-P. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 271-286.
- Canavarro, M. C., & Pereira, A. I. (2007b). Children's perceptions of their parents rearing style: The portuguese version of EMBU-C. *RIDEP*, 24(2), 193-210.
- Collins, W. A., & Russell, G. (1991). Mother-child and father-child relationships in middle childhood and adolescence: A developmental analysis. *Developmental Review*, 11, 99-136.
- Cox, M., & Paley, B. (1997). Families as systems. *Annual Review of Psychology*, 48, 243-267.
- Cox, M. J., Paley, B., & Harter, K. (2001). Interparental conflict and parent-child relationships. In J. H. Grych, & F. D. Fincham (Eds), *Interparental conflict and child development: Theory, Research and Application* (249-272). Cambridge University Press.
- Cummings, E. M., & Davies, P. T. (2002). Effects of marital conflict on children: recent advances and emerging themes in process-oriented research. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 43(1), 31-63.

- Cummings, E. M., Davies, P. T., & Simpson, K. S. (1994). Marital conflict, gender, and children's appraisals and coping efficacy as mediators of child adjustment. *Journal of Family Psychology, 8*(2), 141-149.
- Cutrona, C. E. (1996). *Social support in couples: Marriage as a resource in times of stress*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, Inc.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin, 113*(3), 487-496.
- Dunn, J. (1988). Relations among Relationships. In S. W. Duck (Eds.), *Handbook of Personal Relationships: Theory, Research and Interventions* (pp. 193-209). Chichester, New York, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.
- Enders, C.K. (2010). *Applied Missing Data Analysis*. (Ed). Spring Street, NY: USA.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: A meta-analytic review. *Psychological Bulletin, 118*(1), 108-132.
- Faircloth, W. B., & Cummings, E. M. (2008). Evaluating a parent education program for preventing the negative effects of marital conflict. *Journal of Applied Developmental Psychology, 29*, 141-156. doi:10.1016/j.appdev.2007.12.004.
- Gerard, J. M., Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2006) Marital conflict, parent-child relations, and youth maladjustment: A longitudinal investigation of spillover effects. *Journal of Family Issues, 27*, 951-975. do: 10.1177/0192513X05286020.
- Grych, J. H., & Fincham, F. D. (1990). Marital conflict and children's adjustment: A cognitive-contextual framework. *Psychological Bulletin, 108*(2), 267-290.

- Holahan, C. J., Valentiner, D. P., & Moos, R. H. (1995). Parental support, coping strategies, and psychological adjustment: An integrative model with late adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 24(6), 633-638.
- Hu, L-T. & Bentler, P. (2009). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6, 1-55. doi:10.1080/10705519909540118.
- Iafrate, R., Bertoni, A., Margola, D., Cigoli, V., & Acitelli, L. K. (2011). The link between perceptual congruence and couple relationship satisfaction in dyadic coping. *European Psychologist*, 17, 73-82. doi:10.1027/1016-9040/a000069.
- Kline, R. B. (2005). *Principles and practice of structural equation modeling* (2nd ed.). New York: Guilford Press.
- Kouros, C. D., Goeke-Morey, M. C., Papp, L. M., & Cummings, E. M. (2014). Spillover between marital quality and parent-child relationship quality: Parental depressive symptoms as moderators. *Journal of Family Psychology*, 28, 315-325. doi:10.1037/a0036804.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49(1), 25-44.
- Larsen, D., & Dehle, C. (2007). Rural adolescent aggression and parental emotional support. *Adolescence*, 42(165), 25-50.
- Locke, L. M., & Prinz, R. J. (2002). Measurement of parental discipline and nurturance. *Clinical Psychology Review*, 22, 895-930.

- Mann, B. J., & MacKenzie, E. P. (1996). Pathways among marital functioning, parental behaviors, and child behavior problems in school-age boys. *Journal of Clinical Child Psychology, 25*(2), 183-191.
- McHale, J. (1995). Co-parenting and triadic interactions during infancy: the roles of marital distress and child gender. *Developmental Psychology, 31*, 985-996.
- Minuchin, P. (1985). Families and individual development: Provocations from the field of family therapy. *Child Development, 56*, 289-302.
- Morin, E. (1994). *Ciência com consciência*. Mem Martins: Publicações Europa-América
- O'Connor, T. G. (2002). Annotation: The "effects" of parenting reconsidered: The findings, challenges and applications. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 43*(5), 555-572.
- Ochoa, G. M., Ferrer, B. M., & Pérez, S. M. (2006). Conflicto marital, apoyo parental y ajuste escolar en adolescentes. *Anuário de Psicologia, 37*(3), 249-261.
- Papp, L., & Witt, N. (2010). Romantic partners' individual *coping* strategies and dyadic *coping*: Implications for relationship functioning. *Journal of Family Psychology, 24*, 551-559. doi:10.1037/a0020836.
- Randall, A. K., & Bodemann, G. (2009). The role of stress on close relationships and marital satisfaction. *Clinical Psychology Review, 29*, 101-115. doi:10.1016/j.cpr.2008.10.004.
- Russel, A., & Russel, G. (1996). Positive parenting and boy's and girl's misbehavior during a home observation. *International Journal of Behavioral Development, 19*(2), 291-307.
- Russel, A., & Saebel, J. (1997). Mother-son, mother-daughter, father-son, and father-daughter: Are they distinct relationships? *Developmental Review, 17*, 111-147.

Schaefer, E. S. (1965). Children's of parental behavior: na inventory. *Child Development, 36*, 413-424.

Shrout, P. & Bolger, N. (2002). Mediation in experimental and nonexperimental studies: new procedures and recommendations. *Psychological Methods, 7*(4), 422-445.;

Tabachnick, B. G., Fidell, L. S., & Osterlind, S. J. (2001). *Using multivariate statistics*.

Vedes, A., Nussbeck, F. W., Bodenman, G., Lind, W., & Ferreira, A. (2013). Psychometric properties and validity of the dyadic coping inventory in Portuguese. *Swiss Journal of Psychology, 73*, 149-157. doi:10.1024/1421-0185/a000108.

**Tabela III.***Características sociodemográficas da amostra*

	Mulheres (n=202) n (%)	Homens (n=202) n (%)	Filho/a (n=202) n (%)	Casal/Família (n=202) n (%)
Idade (M/SD)	44.60 (4.9)	46.36 (6.1)	15.28 (1.8)	--
Sexo				
Masculino	--	--	77 (38.2)	--
Feminino	--	--	125 (61.8)	--
Origem Étnica				
Caucasiana	--	--	181 (89.6)	--
Africana	--	--	7 (3.5)	--
Caucasiana-Africana	--	--	2 (1)	--
Asiática	--	--	12 (5.9)	--
Outra	--	--	--	--
Estado Civil				
Casado/União de Facto	--	--	--	179 (88.6)
Recasado/Nova União de Facto	--	--	--	13 (6.4)
Divorciado ou Separado	--	--	--	8 (4)
Solteiro	--	--	--	4 (2)
Duração da Relação				
1 – 10 anos	--	--	--	13 (6.4)
11 – 20 anos	--	--	--	114 (56.4)
21 – 30 anos	--	--	--	69 (34.2)
Mais de 31 anos	--	--	--	6 (3)
Local de Residência				
Norte	--	--	--	1 (0.5)
Centro	--	--	--	69 (34.2)
Grande Lisboa	--	--	--	106 (52.5)
Alentejo	--	--	--	14 (6.9)
Algarve	--	--	--	10 (5)
Arq. Açores	--	--	--	--
Arq. Madeira	--	--	--	--
Outra	--	--	--	2 (1)

	Mulheres (n=202)	Homens (n=202)	Filho/a (n=202)	Família (n=202)
<b>Nível de Escolaridade</b>				
Até ao 4º ano	8 (4)	7 (3.5)	--	--
5º ao 6º ano	7 (3.5)	17 (8.4)	--	--
7º ao 9º ano	36 (17.8)	44 (21.8)	--	--
10º ao 12º ano	75 (37.1)	66 (32.7)	--	--
Licenciatura	61 (30.2)	50 (24.8)	--	--
Pós-Licenciatura	15 (7.4)	18 (8.9)	--	--
<b>Classificação do Ano de Escolaridade</b>				
Ensino Básico	--	--	86 (42.5)	--
Ensino Secundário	--	--	116 (57.4)	--
<b>Situação Laboral</b>				
Desemprego	22 (10.9)	21 (10.4)	--	--
Reforma	2 (1)	6 (3)	--	--
Trabalhador Independente	50 (24.8)	45 (22.3)	--	--
Por conta de outrem	128 (63.4)	130 (64.4)	--	--
<b>Categoria de Profissão<sup>a</sup></b>				
Quadro Superiores de administração pública	5 (2.5)	11 (5.4)	--	--
Especialistas das profissões intelectuais e científicas	38 (18.8)	43 (21.3)	--	--
Técnicos e profissionais de nível intermédio	36 (17.8)	32 (15.8)	--	--
Pessoal administrativo e similares	67 (33.2)	57 (28.2)	--	--
Pessoal dos Serviços e vendedores	34 (16.8)	26 (12.9)	--	--
Agricultores e trabalhadores qualificados na agricultura e pesca	--	1 (.5)	--	--
Operários, artífices e trabalhadores Similares	4 (2)	22 (10.9)	--	--
Operadores de instalações e máquinas e trabalhadores de montagem	1 (.5)	9 (4.5)	--	--
Trabalhadores não qualificados	17 (8.4)	1 (.5)	--	--
<b>Número de filhos</b>				
1	--	--	--	43 (21.1)
2	--	--	--	109 (53.8)
3	--	--	--	33 (16.3)
4	--	--	--	14 (7)
5	--	--	--	4 (1.8)

	Mulheres (n=202)	Homens (n=202)	Filho/a (n=202)	Família (n=202)
<b>Crença Religiosa</b>				
Não crente	34 (16.8)	59 (29.2)	65 (32.2)	--
Crente, não praticante	108 (53.3)	102 (50.5)	82 (40.6)	--
Crente, praticante	60 (29.7)	41 (20.3)	55 (27.2)	--
<b>Com quem habita</b>				
Família Nuclear	--	--	171 (84.7)	--
Família Reconstituída	--	--	8 (4)	--
Família Transgeracional	--	--	5 (2.5)	--
Família Alargada	--	--	12 (5.9)	--
Família Monoparental	--	--	6 (3)	--
<b>Acompanhamento Psicológico</b>				
Nunca teve	169 (83.7)	181 (89.6)	173 (85.6)	--
Teve no passado	24 (11.9)	16 (7.9)	22 (10.9)	--
Tem actualmente	9 (4.5)	5 (2.5)	7 (3.5)	--

<sup>a</sup> A Profissão foi reclassificada de acordo com a Classificação Nacional de Profissões (CNP) atribuída pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

**ANEXOS**

---

**Autorização do Ministério de Educação**



## Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar

[Início](#) » [Consultar inquéritos](#) » **Ficha de inquérito**

### Identificação da Entidade / Interlocutor

Nome da entidade:

Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa

Nome do Interlocutor:

Marta Maria Figueiredo Pedro Vazão de Almeida

E-mail do interlocutor:

mmfpedro@fp.ul.pt

Faculdade de Psicologia da  
Universidade de Lisboa

Sair

Área reservada

- Dados da entidade
- Consultar inquéritos
- Registar inquérito
- Instruções

- Início
- Pesquisar inquéritos

### Dados do Inquérito

**Número de registo:**

039760001

Designação:

Relações familiares e bem-estar na adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica

Descrição:

Portugal atravessa actualmente uma época de crise financeira na qual várias famílias estão sujeitas a mudanças ao nível da sua situação profissional e rendimento mensal. Neste sentido, a literatura científica indica que a existência de dificuldades financeiras aumenta o conflito conjugal através do stress exercido nos indivíduos. Por outro lado, vários estudos indicam que os filhos são muitas vezes envolvidos no conflito entre os pais, directa ou indirectamente, por iniciativa própria ou dos pais. Embora o envolvimento dos filhos no conflito interparental ocorra na maioria das famílias saudáveis, quando esta situação se torna demasiado frequente e intensa pode perturbar o ajustamento sócio-emocional do adolescente, afectando o seu bem-estar. Considerando as evidências empíricas que indicam que as dificuldades financeiras aumentam a probabilidade de conflitos conjugais, faz sentido pensar que, em contexto de crise financeira, seja também mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes, aumentando, desta forma, a probabilidade dos filhos serem envolvidos no conflito interparental. Contudo, o papel mediador do envolvimento dos filhos no conflito interparental, na relação entre este conflito e o bem-estar do adolescente, não foi ainda investigado no contexto de dificuldades económicas. Por outro lado, o papel que as estratégias de coping diádico do casal, e as estratégias de coping individual usadas pelos pais e pelos filhos, na relação entre o conflito interparental e o bem-estar do adolescente, também se encontra ainda pouco investigado.

Assim, o presente estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos, pretendendo-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual.

Objectivos:

- Investigar o impacto das dificuldades económicas em várias dimensões do funcionamento familiar (forças, dificuldades e comunicação familiar; envolvimento dos filhos no conflito interparental), conjugal (conflito e satisfação conjugais) e do bem-estar do adolescente (depressão, ansiedade, hostilidade e rendimento académico)
- Investigar o papel mediador do stress emocional dos pais, na relação entre as dificuldades económicas e o conflito e a satisfação conjugais
- Investigar o papel mediador do envolvimento dos adolescentes no conflito interparental, na relação entre o conflito conjugal e o bem-estar do adolescente, no contexto de crise económica
- Investigar o papel das estratégias de coping diádico e individual de cada um dos elementos do casal parental, na relação entre as várias dimensões do funcionamento familiar, conjugal e do bem-estar do adolescente.
- Investigar o papel das estratégias de coping individual dos adolescentes, na relação entre as várias dimensões do funcionamento familiar, conjugal e do bem-estar do adolescente.

Periodicidade:

Trimestral

Data do início do período de recolha de dados:

06-01-2014

Data do fim do período de recolha de dados:

21-07-2014

Universo:	Adolescentes de ambos os sexos, estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade
Unidade de observação:	Adolescentes de ambos os sexos, estudantes do 7º ao 12º ano de escolaridade
Método de recolha de dados:	Aplicação de instrumentos de auto-relato em regime presencial na sala de aula
Inquérito registado no Sistema Estatístico Nacional:	Não
Inquérito aplicado pela entidade:	Sim
Instrumento de inquirição:	<a href="#">03976_201312041802_Documento1.docx</a> (DOCX - 93,60 KB)
Nota metodológica:	<a href="#">03976_201312041802_Documento2.docx</a> (DOCX - 18,09 KB)
Outros documentos:	<a href="#">03976_201312041802_Documento3.pdf</a> (PDF - 366,03 KB)
Data de registo:	04-12-2013
Versão:	1 (1)

Dados adicionais	
Estado:	Aprovado
Avaliação:	Exmo(a) Senhor(a) Dr(a) Marta Maria Figueiredo Pedro Vazão de Almeida Venho por este meio informar que o pedido de realização de inquérito em meio escolar é autorizado uma vez que, submetido a análise, cumpre os requisitos, devendo atender-se às observações aduzidas. Com os melhores cumprimentos José Vitor Pedroso Diretor de Serviços de Projetos Educativos DGE
Observações:	a) A realização do Inquérito fica sujeita a autorização das Direções dos Agrupamentos de Escolas e Escolas não agrupadas do ensino público indicadas na nota metodológica. Merece especial atenção o modo, o momento e condições de aplicação do instrumento de recolha de dados em meio escolar (porque oneroso), devendo fazer-se em estreita articulação com as Direções das Escolas/Agrupamentos que autorizem a realização do estudo. b) Deve considerar-se o disposto na Lei nº 67/98 em matéria de garantia de anonimato dos sujeitos, confidencialidade, proteção e segurança dos dados, sendo necessário solicitar o consentimento informado e esclarecido do titular dos dados. No caso presente de inquirição de alunos menores (menos de 18 anos) este deverá ser atestado pelos seus representantes legais. As autorizações assinadas pelos Encarregados de Educação devem ficar em poder da Escola/Agrupamento ao qual pertencem os alunos. Não deve haver cruzamento ou associação de dados entre os que são recolhidos pelos instrumentos de inquirição e os constantes da declaração de consentimento informado.
Outras observações:	Sem observações.

| [Voltar](#) | Versão 1 |

---

**Solicitação de Colaboração às Famílias**

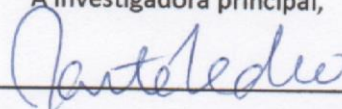
Exmo. Sr. Encarregado de Educação,

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Neste sentido, investigadoras da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) estão a realizar um estudo intitulado "*Relações familiares e bem-estar na adolescência: Factores protectores e de risco em contexto de crise económica*", com o objetivo de investigar factores familiares e individuais que contribuam para diminuir o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar e rendimento académico dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual. Esta investigação é coordenada por Marta Pedro e Rita Francisco, Professoras Auxiliares Convidadas da FPUL.

Para tal, **solicitamos a colaboração da sua família**. A **participação dos pais** (mãe e pai) consistirá no preenchimento de um conjunto de questionários, em casa (com duração de cerca de 40 minutos), que serão devolvidos em envelope fechado (garantindo a confidencialidade dos dados) à directora de turma. A **participação do(a) seu/sua filho(a)** decorrerá na própria escola, em horário a combinar, e consistirá, igualmente, no preenchimento de alguns questionários (com duração de cerca de 45 minutos). De forma a compreender de forma mais rigorosa a influência das dificuldades económicas no ajustamento familiar, bem como no bem-estar e rendimento académico do adolescente, a **participação da sua família** no preenchimento dos questionários será solicitada três vezes ao longo do ano lectivo: (1) no final do 1º período (após as férias de Natal), (2) no final do 2º período (após as férias da Páscoa), e (3) no final do 3º período (final do ano lectivo).

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. **Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar**. Agradecemos a sua ajuda, sem a qual este estudo não seria possível!

A investigadora principal,



(Marta Pedro)

Para qualquer esclarecimento, contactar:

- Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)*

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

- Rita Francisco, Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)*

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

✂ -----

**Por favor, entregue este destacável à Directora de Turma, no prazo de 1 semana. Obrigada!**

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação do(a)  
aluno(a) \_\_\_\_\_, autorizo a participação da minha  
família no estudo acima referido.

Assinatura do Encarregado de Educação

\_\_\_\_\_

**Consentimento Informado**

## Consentimento Informado

*“Relações familiares e bem-estar na adolescência:*

*Factores protectores e de risco em contexto de crise económica”*

A investigação para a qual pedimos a sua colaboração está a ser realizada por investigadores da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa (FPUL) (Marta Pedro e Rita Francisco).

Portugal atravessa uma época de dificuldades financeiras que pode aumentar as discussões conjugais na maioria das famílias, tornando mais difícil para os pais evitar discutir quando os filhos estão presentes. Este estudo tem como objectivo investigar factores familiares e individuais que contribuam para minimizar o impacto da crise económica na relação conjugal e no bem-estar dos filhos. Pretende-se ainda identificar estratégias que pais e filhos possam utilizar para fazer face às dificuldades familiares que surjam no contexto actual.

A participação no estudo é voluntária e os dados disponibilizados são confidenciais, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar.

---

Tomei conhecimento do objectivo do estudo e do que tenho de fazer para participar.

Fui informado(a) que tenho o direito a recusar participar e que a minha recusa em fazê-lo não terá consequências para mim.

Assim, declaro que aceito participar na investigação.

Rúbrica (*por favor não indicar o nome ou outro dado que permita a sua identificação*): \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_

Marta Pedro, Coordenadora e Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)*

Contacto: mmpedro@fp.ul.pt

Rita Francisco, Investigadora principal

*Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FP-UL)*

Contacto: rmfrancisco@fp.ul.pt

**Protocolo de Investigação – Versão Pais**

## **PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO**

**Versão Pais**

**Código** | \_ | \_ | \_ | \_ |

É muito importante que leia atentamente e **responda a todas as questões**. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação.

**Quando não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.**

### 1. Sexo 2. Idade 3. Local de Residência

Feminino  Masculino \_\_\_ anos \_\_\_\_\_

### 4. Nível de escolaridade 5. Profissão

<input type="checkbox"/> Até 4º ano	<b>A) Estatuto ocupacional</b>	<b>B) Situação laboral actual</b>
<input type="checkbox"/> 5º a 6º ano	• Trabalho a tempo inteiro <input type="checkbox"/>	• Desemprego <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> 7º a 9º ano	• Trabalho a tempo parcial <input type="checkbox"/>	• Reforma <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> 10º a 12º ano		• Trabalhador independente <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Licenciatura		• Trabalhador por conta de outrem <input type="checkbox"/>
<input type="checkbox"/> Pós-licenciatura	Por favor indique a sua profissão _____	

### 6. Estado Civil

Casado/União de Facto Há quanto tempo? \_\_\_\_\_ anos

Recasado ou em nova união de facto Há quanto tempo? \_\_\_\_\_ anos

Divorciado/Separado

Solteiro

Viúvo

### 7. Quantos filhos tem, de que idade e de que sexo? Indique se são filhos biológicos ou não.

\_\_\_\_\_

### 8. Informação acerca do(a) filho(a) sobre o(a) qual vai responder ao questionário

Idade \_\_\_\_\_ Sexo \_\_\_\_\_ Ano de escolaridade \_\_\_\_\_

### 9. É crente em alguma religião?

Não  Sim Qual? \_\_\_\_\_ É praticante?  Não  Sim

### 10. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

Nunca teve  Teve no passado  Tem actualmente

**ICD** (Bondenmann, 2008; versão portuguesa de Vedes et al., 2013)

Esta escala destina-se a avaliar a forma como você e o seu parceiro(a) lidam com o *stress*. Por favor indique a primeira resposta que achar mais adequada. Seja o mais honesto possível e responda a cada item assinalando o caso apropriado, que corresponde à sua situação pessoal.

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
1	2	3	4	5

**Esta secção é sobre como comunica ao seu parceiro(a) o seu *stress*.**

1. Deixo o meu parceiro(a) aperceber-se que eu aprecio o seu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	1	2	3	4	5
2. Quando tenho demasiadas coisas para fazer, peço ao meu parceiro(a) que faça coisas por mim.	1	2	3	4	5
3. Demonstro ao meu parceiro(a), através do meu comportamento, quando não ando bem ou quando tenho problemas.	1	2	3	4	5
4. Digo abertamente ao meu parceiro como me sinto e que gostaria de receber o seu apoio.	1	2	3	4	5

**Esta secção é sobre o que o seu parceiro(a) faz quando você se está a sentir *stressado(a)*.**

5. O meu parceiro(a) mostra-me empatia e compreensão.	1	2	3	4	5
6. O meu parceiro(a) expressa que está do meu lado.	1	2	3	4	5
7. O meu parceiro culpa-me por não lidar suficientemente bem com o <i>stress</i> .	1	2	3	4	5
8. O meu parceiro(a) ajuda-me a ver situações stressantes de outra forma.	1	2	3	4	5
9. O meu parceiro(a) ouve-me e dá-me oportunidade para eu comunicar o que realmente me incomoda.	1	2	3	4	5
10. O meu parceiro(a) não leva o meu <i>stress</i> a sério.	1	2	3	4	5
11. O meu parceiro(a) dá-me apoio, mas fá-lo sem vontade e sem motivação.	1	2	3	4	5
12. O meu parceiro(a) faz coisas, que normalmente sou eu que faço, para me	1	2	3	4	5

ajudar.	
<b>13.</b> O meu parceiro(a) ajuda-me a analisar a situação para que eu consiga enfrentar melhor o problema.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>14.</b> Quando estou demasiado ocupado(a), o meu parceiro(a) ajuda-me.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>15.</b> Quando estou stressado(a), o meu parceiro(a) tende a afastar-se.	<b>1 2 3 4 5</b>

**Esta secção é sobre como o seu parceiro(a) comunica quando ele/ela se está a sentir stressado(a)**

<b>16.</b> O meu parceiro(a) deixa que eu me aperceba que ele/ela aprecia o meu apoio prático, conselhos, ou ajuda.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>17.</b> O meu parceiro (a) pede-me que faça coisas por ele/ela, quando tem demasiadas coisas para fazer.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>18.</b> O meu parceiro(a) demonstra-me, através do seu comportamento, que ele/ela não anda bem ou quando tem problemas.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>19.</b> O meu parceiro(a) diz-me abertamente como ele/ela se sente e que ele/ele gostaria de receber o meu apoio.	<b>1 2 3 4 5</b>

Muito raramente	Raramente	Às vezes	Com frequência	Com muita frequência
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

**Esta secção é sobre o que você faz quando o seu parceiro(a) demonstra que está *stressado(a)*.**

<b>20.</b> Sou empático(a) e compreensivo(a) para o meu parceiro(a).	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>21.</b> Expresso ao meu parceiro(a) que estou do seu lado.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>22.</b> Culpo o meu parceiro(a) por não lidar suficientemente bem com o stress.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>23.</b> Digo ao meu parceiro(a) que o seu stress não é assim tão mau e ajudo-o(a) a ver a situação de outra perspectiva.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>24.</b> Oiço o meu parceiro(a) e dou-lhe espaço e tempo para ele/ela comunicar o que realmente o(a) incomoda.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>25.</b> Não levo a sério o stress do meu parceiro(a).	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>26.</b> Quando o meu parceiro(a) está stressado(a) eu tendo a afastar-me.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>27.</b> Dou-lhe apoio, mas faço-o sem vontade e sem motivação porque penso que ele/ela deveria enfrentar os seus problemas por conta própria.	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>28.</b> Trato de coisas que normalmente seria o meu parceiro(a) fazer, para o(a)	<b>1 2 3 4 5</b>

ajudar.	
29. Tento analisar a situação conjuntamente com o meu parceiro(a) de forma objectiva, e ajudo-o(a) a compreender e a mudar o problema.	1 2 3 4 5
30. Quando o meu parceiro(a) sente que tem demasiado para fazer, eu ajudo-o(a).	1 2 3 4 5

**Esta secção é sobre o que você e o seu parceiro(a) fazem quando ambos se estão a sentir stressados.**

31. Tentamos lidar juntos com o problema e procurar soluções apropriadas.	1 2 3 4 5
32. Envolvemo-nos numa conversa séria sobre o problema e pensamos sobre o que tem de ser feito.	1 2 3 4 5
33. Ajudamo-nos mutuamente a colocar o problema em perspectiva e a vê-lo de outra forma.	1 2 3 4 5
34. Ajudamo-nos, um ao outro, a relaxar, fazendo coisas como massagens, tomar um banho juntos, ou ouvir música em conjunto.	1 2 3 4 5
35. Somos carinhosos um com o outro, fazemos amor e tentamos, assim, lidar com o stress.	1 2 3 4 5

**Esta secção é sobre como avalia a vossa capacidade, como casal, de lidar com o stress**

36. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e com a forma como juntos lidamos com o stress.	1 2 3 4 5
37. Estou satisfeito com o apoio que recebo do meu parceiro(a) e considero que como casal, a forma como lidamos juntos com o stress é eficaz.	1 2 3 4 5

**EMBU-P** (Castro, 1993; versão portuguesa Canavarro & Pereira, 1997)

Recorde as atitudes e comportamentos que tem tido em relação ao seu filho e escolha a resposta que melhor reflecta o comportamento que tem ou teve para com ele. **Depois de ter escolhido a resposta mais apropriada ao seu caso, assinale-a com um círculo.** Como verá, algumas perguntas não podem ser respondidas se tem só um filho; nesse caso, deixe a resposta em branco.

Não, nunca	Sim, às vezes	Sim, frequentemente	Sim, sempre
1	2	3	4

1. Demonstra ao seu filho, com palavras e gestos, que gosta dele?	1 2 3 4
10. Quando as coisas correm mal ao seu filho, tenta compreendê-lo e animá-lo?	1 2 3 4

<b>16.</b> Ajuda o seu filho quando ele enfrenta uma tarefa difícil?	<b>1 2 3 4</b>
<b>20.</b> Demonstra ao seu filho que está satisfeito com ele?	<b>1 2 3 4</b>
<b>21.</b> Confia no seu filho de tal forma que o deixa actuar sob a sua própria responsabilidade?	<b>1 2 3 4</b>
<b>22.</b> Respeita as opiniões do seu filho?	<b>1 2 3 4</b>
<b>27.</b> Tenta que a infância do seu filho seja estimulante, interessante e atractiva (por exemplo, dando-lhe bons livros, encorajando-o a participar em passeios e excursões, etc.)	<b>1 2 3 4</b>
<b>28.</b> Elogia o comportamento do seu filho?	<b>1 2 3 4</b>
<b>30.</b> Quando o seu filho está triste, pode procurar a sua ajuda e compreensão?	<b>1 2 3 4</b>
<b>32.</b> Interessa-se pelo tipo de amigos mais próximos do seu filho?	<b>1 2 3 4</b>
<b>36.</b> Participa activamente nos passatempos e diversões do seu filho?	<b>1 2 3 4</b>
<b>40.</b> Acha que há carinho e ternura entre si e o seu filho?	<b>1 2 3 4</b>
<b>41.</b> Fica orgulhoso(a) do seu filho quando ele consegue atingir um objectivo a que se tinha proposto?	<b>1 2 3 4</b>
<b>42.</b> Manifesta ao seu filho que está satisfeito com ele através de expressões físicas carinhosas como dar-lhe palmadas nas costas, abraçá-lo, etc.?	<b>1 2 3 4</b>

**EHP** (O'Leary & Porter, 1980; versão portuguesa de Pedro & Francisco, 2014)

<b>Nunca</b>	<b>Raramente</b>	<b>Ocasionalmente</b>	<b>Frequentemente</b>	<b>Muito frequentemente</b>
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>

<b>1.</b> Nesta época de dificuldades financeiras, é difícil restringir as discussões sobre dinheiro a alturas e locais específicos. Com que frequência diria que você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre assuntos relacionados com dinheiro em frente deste(a) filho(a)?	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>2.</b> Muitas vezes os filhos vão ter com um dos pais para pedirem dinheiro ou autorização para fazerem alguma coisa, depois do outro pai lhes ter dito que não. Com que frequência diria que este(a) filho(a) tem este tipo de comportamento consigo ou com o(a) seu/sua companheiro(a) com sucesso?	<b>1 2 3 4 5</b>
<b>3.</b> Maridos e mulheres discutem frequentemente sobre como educar os filhos. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) discutem sobre a educação dos filhos à frente deste(a) filho(a)?	<b>1 2 3 4 5</b>

4. Com que frequência este(a) filho(a) vos ouviu a discutir [a si e ao(à) seu/sua companheiro(a)] acerca do papel da mulher na família? (tarefas domésticas, mães trabalhadoras, etc).	1 2 3 4 5
5. Com que frequência é que o(a) seu/sua companheiro(a) reclama consigo acerca do seu vício pessoal (beber, estar ser a reclamar, ser desarrumado, etc.) em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5
6. Com que frequência é que reclama com o(a) seu/sua companheiro(a) acerca dos vícios pessoais dele/dela em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5
7. Em todos os casamentos normais há discussões. Que percentagem de discussões entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) diria que acontecem em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5
8. Com diferentes níveis, todos experienciamos impulsos quase irresistíveis em alturas de grande stress. Com que frequência há expressão física de hostilidade entre si e o(a) seu/sua companheiro(a) em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5
9. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram hostilidade verbal em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5
10. Com que frequência você e o(a) seu/sua companheiro(a) mostram afecto um para com o outro em frente a este(a) filho(a)?	1 2 3 4 5

**MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!**

Dentro de 3 meses, aproximadamente, voltaremos a pedir a sua colaboração para preencher o mesmo questionário, de forma a conseguirmos avaliar rigorosamente os factores que minimizam o impacto da crise económica no bem-estar da sua família.

Se estiver disponível para participar na segunda fase deste estudo (que compreende observar a sua família a resolver uma situação), por favor, deixe o seu contacto telefónico ou email

\_\_\_\_\_.

**Protocolo de Investigação – Versão Filhos**

## PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

### Versão Filhos

Por favor escreva no código abaixo:

- No **1º quadrado** escreva: a 1ª letra do seu nome
- No **2º quadrado** escreva: a 1ª letra do nome do seu pai
- No **3º quadrado** escreva: o dia em que nasceu
- No **4º quadrado** escreva: o número da porta da sua casa (se a sua casa não tiver número coloque um zero)

Exemplo: **Código** | J | M | 12 | 4 |

**Código** | \_ | \_ | \_ | \_ |



## 10. Pais – Estado Civil

### 10.1. Pai

- Casado/União de facto  
 Divorciado/Separado  
 Viúvo  
 Solteiro  
 Não sei

### 10.2. Mãe

- Casada/União de Facto  
 Divorciada/Separada  
 Viúva  
 Solteira  
 Não sei

## 11. Profissão dos pais

Profissão do pai \_\_\_\_\_ Profissão da mãe \_\_\_\_\_

## 12. Nível de escolaridade dos pais

- | Pai                                       | Mãe                                       |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> Até 4º ano       | <input type="checkbox"/> Até 4º ano       |
| <input type="checkbox"/> 5º a 6º ano      | <input type="checkbox"/> 5º a 6º ano      |
| <input type="checkbox"/> 7º a 9º ano      | <input type="checkbox"/> 7º a 9º ano      |
| <input type="checkbox"/> 10º a 12º ano    | <input type="checkbox"/> 10º a 12º ano    |
| <input type="checkbox"/> Licenciatura     | <input type="checkbox"/> Licenciatura     |
| <input type="checkbox"/> Pós-licenciatura | <input type="checkbox"/> Pós-licenciatura |

**EMBU – MÃE** (Perris et al., 1984; adaptação da versão portuguesa de Canavarro et al., 1996)

Em seguida serão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência. É importante lembrar-se dos comportamentos da sua mãe em relação a si, tal como eles são, até à actualidade.

Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
1	2	3	4

2. Os meus pais elogiam-me.	1	2	3	4
6. Os meus pais estão a contribuir para que a minha adolescência seja uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	1	2	3	4
9. Os meus pais incentivam-me em ser melhor em tudo o que faço.	1	2	3	4
12. Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e	1	2	3	4

encorajar.	
<b>14.</b> Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	<b>1 2 3 4</b>
<b>19.</b> Sinto que há ternura, entre mim e os meus pais.	<b>1 2 3 4</b>
<b>23.</b> Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me tenha empenhado.	<b>1 2 3 4</b>

### EMBU – PAI

(Perris et al., 1984; adaptação da versão portuguesa de Canavarro et al., 1996)

Em seguida ser-lhe-ão colocadas algumas questões relativamente à sua infância e adolescência. É importante lembrar-se dos comportamentos do seu pai em relação a si, tal como eles são, até à actualidade. Leia cada questão cuidadosamente e assinale a resposta que melhor se aplica ao seu caso.

Não, nunca	Sim, ocasionalmente	Sim, frequentemente	Sim, a maior parte do tempo
<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>

<b>2.</b> Os meus pais elogiam-me.	<b>1 2 3 4</b>
<b>6.</b> Os meus pais estão a contribuir para que a minha adolescência seja uma época de aprendizagens importantes na minha vida.	<b>1 2 3 4</b>
<b>9.</b> Os meus pais incentivam-me em ser melhor em tudo o que faço.	<b>1 2 3 4</b>
<b>12.</b> Se as coisas me correm mal, eu sinto que os meus pais me tentam confortar e encorajar.	<b>1 2 3 4</b>
<b>14.</b> Os meus pais mostram com gestos e palavras que gostam de mim.	<b>1 2 3 4</b>
<b>19.</b> Sinto que há ternura, entre mim e os meus pais.	<b>1 2 3 4</b>
<b>23.</b> Eu sinto que os meus pais ficam orgulhosos quando eu sou bem sucedido(a) em qualquer coisa na qual me tenha empenhado.	<b>1 2 3 4</b>

### MUITO OBRIGADA PELA SUA COLABORAÇÃO!

Dentro de 3 meses, aproximadamente, voltaremos a pedir a sua colaboração para preencher o mesmo questionário, de forma a conseguirmos avaliar rigorosamente os factores que reduzem o impacto da crise económica no bem-estar da sua família.